

Pan-Ameri- canismo

Raul Pilla

SUCEDEM-SE com tamanha frequência as subversões da ordem política na América Latina, que já não impressionam e passam a considerar-se normais. O último caso, porém, o da Guatemala, reclama maior atenção, tanto se parece êle com o que últimamente ocorreu no Brasil, o qual, com o advento da república presidencial, por fim se integrou politicamente na América Latina.

Já era um presidente provisório, resultante de um movimento anterior, o que, na Guatemala, foi agora substituído por uma junta militar. Presidira êle à eleição, em que o candidato oficial, um antigo magistrado, foi declarado vitorioso contra o candidato da oposição, um general do exército. Impossível é saber se têm fundamento as acusações de fraude, articuladas por êste. Com fundamento, ou sem êle, veio a agitação para as ruas, a reclamar a anulação do pleito. Em consequência, a decretação do estado de sítio, feita pelo presidente e homologada pelo Congresso. E, quatro dias após a eleição, a intervenção militar e o governo de uma junta, que declara pretender convocar novas eleições. E nada impedirá que estas, por sua vez, sejam inquinadas das mesmas suspeitas.

Assim funciona na América Latina, inclusive o Brasil, o que se conveio chamar regime republicano, democrático e representativo. E por que funciona assim? Porque, dado o mecanismo que lhe deram, não pode funcionar de outro modo. Atribui-se um enorme, quase ilimitado poder a um só homem e se designa êste homem mediante uma eleição popular. Espantará que todos os escrúpulos se desvançam e todos os excessos se cometam na que é verdadeiramente a luta pela posse de um país?

Para que assim não sucedesse, seria necessário que a América Latina fôsse habitada por gente grandemente superior. E como tal gente nela não se encontra e o sistema, longe de educar politicamente o povo, o deseduca e perverte, como faz também aos políticos, o resultado é êsse: um continente assolado continuamente por ditaduras, golpes de Estado e revoluções.

O mais espantoso é que, decorrido mais de século, tal espetáculo não tenha levado essas nações a uma reforma profunda do seu sistema político. Vivem num estado como de semi-inconsciência. Mas quem menos direito de espantar-se tem, somos nós, os brasileiros, que, antes da prova do regime, na república presidencialista, tínhamos já a sua contra-prova prévia na monarquia parlamentarista. Apesar disto, continuamos ao lado da Guatemala e de tôdas as ditosas repúblicas latino-americanas, numa demonstração de comovente pan-americanismo...